
Vozes de jornalistas agredidos: as marcas da violência contra a imprensa na rotina dos profissionais do telejornalismo¹

Gabriel LANDIM²
Iluska COUTINHO³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

A escalada da violência contra jornalistas provocou mudanças nas rotinas produtivas em TV e nas vidas dos profissionais da imprensa. Entre 2020 e 2021, a Federação Nacional dos Jornalistas registrou recordes de atos violentos contra a imprensa no Brasil. Por meio de entrevistas semi-estruturadas, realizadas após tramitação no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, as vozes e percepções de profissionais da TV Globo e de afiliadas - frequentemente atacados - ganham destaque nesta pesquisa, que busca compreender os impactos da violência em suas rotinas. Os resultados apontaram que equipes de reportagem passaram a ter mais cautela e tomaram medidas para amenizar riscos e garantir gravações. Como método de controle e proteção, jornalistas relataram o aumento da desconfiança nas relações interpessoais.

PALAVRAS-CHAVE: violência; entrevista; jornalistas agredidos; telejornalismo.

INTRODUÇÃO

Para garantir a integridade das equipes de reportagem, o processo de produção da notícia vem passando por adaptações desde o assassinato de Tim Lopes em 2002, como apontam os estudos de Ramos e Paiva (2007), até os casos mais recentes de violência contra jornalistas, registrados principalmente a partir de 2013 sob a ótica de motivações políticas, segundo pesquisas de Landim (2023). Desde equipamentos e veículos sem identificação da emissora, até mudanças na captação, foram várias as ações para resguardar o jornalista, os equipamentos e a produção das reportagens.

O jornalista, com mais frequência nos últimos anos, virou personagem das reportagens, em alguns casos na condição de vítima das narrativas telejornalísticas. Diante das inúmeras possibilidades permitidas pela internet, o público conectado – considerado por Dutton (2009) e Pereira (2023) como a manifestação de um Quinto

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, no XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre e doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Membro do Grupo de Pesquisa Núcleo de Jornalismo e Audiovisual. Jornalista na TV Integração afiliada Globo. E-mail: gabriellandim@outlook.com.

³ Doutora em Comunicação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). E-mail: iluska.coutinho@ufjf.br.

Poder – passou a ter cada vez mais espaço para compartilhar suas próprias convicções, que perpassam a realidade. Nessa prática, intitulada por Tesich (1992) como pós-verdade, telespectadores passaram a questionar o que é elencado como verdade pelos jornalistas profissionais, sobretudo diante da polarização política e de ataques à ciência.

Landim e Coutinho (2023) destacaram que, entre 2020 e 2021 – anos em que a Federação Nacional dos Jornalistas registrou recordes de casos violentos⁴ –, o principal jornalístico de TV aberta do Brasil, o Jornal Nacional, fez uma ampla cobertura de ataques à imprensa, mas os jornalistas vitimados tiveram pouco espaço de fala.

Por meio de entrevistas⁵ – cuja realização foi precedida por apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora –, buscou-se ouvir profissionais da TV Globo e afiliadas, para compreender o que mudou na rotina produtiva e no dia a dia dos comunicadores, diante do aumento na frequência dos ataques. Em termos teórico-metodológicos, a entrevista é conceituada por Garrett (1981) como a arte de ouvir, perguntar e conversar, enquanto para Seidman (1991), entrevistamos para tentar compreender histórias e encaixá-las no contexto da pesquisa.

Para este estudo, utilizou-se o modelo de entrevista semi-estruturada, que segundo Manzini (1990/1991, p. 154) é focada em um assunto sobre o qual fazemos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões provenientes do diálogo.

Foram ouvidos os repórteres Ben-Hur Correia (TV Globo) e Arcênio Corrêa (TV Integração afiliada Globo), o repórter cinematográfico Leandro Matozo (TV Globo) e o jornalista Paulo Renato Soares (TV Globo).

MUDANÇAS NA ROTINA PRODUTIVA

A partir do assassinato de Tim Lopes, durante a gravação de uma reportagem investigativa em 2002 em uma favela carioca, algumas empresas de comunicação criaram normas de segurança e investiram em equipamentos para os profissionais. Ramos e Paiva (2007) explicam que os repórteres passaram a decidir, nas ruas, o que

⁴ Relatórios da Fenaj disponíveis em: <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contra-jornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>. Acesso em 27 jun, 2024.

⁵ Entrevistas disponíveis na íntegra em: <https://repositorio.ufrj.br/jspui/handle/ufrj/15949>. Acesso em 27 jun, 2024.

seria seguro fazer, mesmo que isso signifique um prejuízo às notícias. Para as autoras, cresceu a necessidade de estabelecer um padrão de comportamento dos profissionais.

Organizações mundiais e nacionais passaram a criar manuais de proteção a jornalistas. As orientações foram atualizadas para as coberturas eleitorais. As próprias emissoras reforçaram as medidas para garantir a proteção das equipes. O maior gargalo enfrentado pelos jornalistas estava nas coberturas em zonas das cidades consideradas de risco pelas redações e pelas forças de segurança. No entanto, sobretudo a partir de 2013, as manifestações também se tornaram áreas de perigo. Foi quando a TV Globo, por exemplo, retirou as marcas da emissora de circulação, implementando estratégias específicas para atuação nesses eventos. Os repórteres passaram a utilizar microfones sem canoplas⁶, veículos sem adesivos e, em determinadas situações, passaram a gravar ou entrar ao vivo do alto de prédios ou em locais que oferecessem maior segurança.

A partir de 2020, durante a pandemia da Covid-19, em meio ao negacionismo, a imprensa passou a ser atacada por defender a ciência, enquanto o governo federal, à época liderado por Jair Bolsonaro, promovia a violência contra jornalistas, fortalecendo costumes e convicções pessoais. Pelas mídias digitais, internautas passaram a questionar o que é elencado como notícia por meios de comunicação, movimento que causou uma onda de fúria contra jornalistas.

Parte desses receptores assumem o papel de fiscalizadores da imprensa e, por isso, podem ser associados ao que se entende como “Quinto Poder”, expressão denominada por Dutton (2009) e desenvolvida no Brasil por Pereira (2023). Para parte deste público, a verdade deixa de ser tão importante quanto o que se imagina como verdadeiro, como definiu Tesich (1992) a partir do conceito de pós-verdade. Esse é um dos principais fatores levados em conta, nesta pesquisa e nos relatórios da Fenaj, como motivadores para os registros de casos violentos contra jornalistas registrados em 2020 e 2021.

No caso dos “Guardiões do Crivella” em 2020 - em que as equipes de reportagem eram impedidas de abordar as reclamações dos pacientes sobre os problemas no atendimento de saúde na porta dos hospitais - o repórter da TV Globo Ben-Hur Correia explica que a equipe precisou trabalhar com seguranças contratados.

⁶ acessórios utilizados nos microfones para identificar a emissora utilizando uma logomarca.

Figura 1 - Repórter Ben-Hur Correia durante entrada ao vivo em que foi interrompido.



Fonte: Globoplay. Disponível: <https://globoplay.globo.com/v/8821003/>. Acesso em 12 abr. 2023.

Segundo Ben-Hur, a equipe foi treinada pela emissora para lidar com possíveis conflitos durante as gravações e entradas ao vivo.

A partir do momento em que a gente começou a receber essas agressões, a gente começou a sair com seguranças para a rua. Até hoje a gente tem algumas equipes de segurança disponíveis para as equipes da manhã. Então, nessa época, todas as equipes de reportagem estavam saindo com dois seguranças. Todas. Exatamente para evitar que a gente fosse agredido, porque a gente percebeu que estava demais. Eu nunca tinha visto isso em nenhuma televisão do mundo (BEN-HUR, 2023).

Paulo Renato Soares explica que “de maneira geral todo mundo ficou mais atento, você passa e a pessoa xinga, você não evita que isso aconteça, mas você pode tentar impedir que tome uma escalada, não reagindo”.

Por sua vez, o repórter Arcênio Corrêa, agredido fisicamente na cidade de Prata-MG em 2020, explica que uma das estratégias de segurança adotadas por ele na rua é conseguir proteção de paredes antes de fazer gravações ou entradas ao vivo.

Nesse período de pandemia, onde a própria emissora ficou muito vulnerável com todo os episódios de ofensas feitas pelo governo, em alguns momentos, por exemplo, a gente optava por gravar as matérias em lugares que a gente tivesse seguro. Em momentos de “vivo”, sempre eu optava por um lugar onde tinha parede, onde tinha algo que eu pudesse me desvencilhar e me dar segurança. Mesmo assim, a gente vivenciou diversos momentos e situações que nos tiraram do eixo (CORRÊA, 2023).

O repórter cinematográfico Leandro Matozo explica que a possibilidade de retirada do logotipo da emissora dos veículos e o uso de um carro blindado fizeram a diferença na proteção das equipes.

Tem um ímã, que é o logo da emissora. Você vai gravar um evento Lollapalooza, não tem porquê ser escondido. Você vai gravar uma sonora com um economista, tudo bem. Agora você vai gravar no centro de São Paulo, algo neutro, factual, ninguém sabe o que você está indo fazer, aí a galera acaba optando por não usar o logotipo da emissora no carro (MATOZO, 2023).

A imagem dos ataques tornou-se materialidade importante; portanto, o registro desse tipo de acontecimento passou a ser outra função essencial dos profissionais. Para Arcênio Corrêa, o registro audiovisual evita injustiças contra a imprensa, resguardando o trabalho e os direitos do jornalista. De acordo com Arcênio, de posse das imagens da agressão sofrida por ele, foi possível instaurar processos contra os agressores na justiça.

O [repórter cinematográfico] Stanley já estava gravando a fachada e quando ele viu que estava meio tumultuada toda aquela história, ele virou a câmera para o meu lado. Graças a Deus, né? Porque, senão, seria mais uma injustiça contra jornalistas, E aí ele gravou toda a cena (CORRÊA, 2023).

Figura 2 - Registro da agressão ao repórter da TV Integração feito com a câmera da equipe



Fonte: reprodução / Globoplay (2023). Disponível em:
<https://globoplay.globo.com/v/8981784/>. Acesso em: 12 mar. 2023.

No episódio já mencionado sobre ações de constrangimento profissional realizadas por aqueles identificados como “Guardiões do Crivella”, as imagens produzidas pelas câmeras profissionais da TV Globo nortearam toda a narrativa de denúncia contra o poder público e em defesa da liberdade de imprensa, como evidenciaram Landim e Coutinho (2023). Por meio dos registros audiovisuais, foi possível identificar os funcionários públicos da prefeitura do Rio de Janeiro que “batiam ponto” na porta dos hospitais para impedir o trabalho dos jornalistas de exibir as reclamações dos pacientes.

Nós usamos tudo que a gente tinha à nossa mão. A gente já tinha os registros do “ao vivo”, a gente precisava complementar aquilo com uma câmera, então a gente pediu para alguns cinegrafistas acompanharem as equipes do “ao vivo” de manhã para pegar, de longe, onde [os agressores] ficavam, o que eles faziam, até a gente pegar mais imagens deles para identificar melhor, para não cometer nenhum erro. A gente acompanhou com câmeras à distância. As câmeras ficavam longe para eles não perceberem. O cinegrafista que estava ao vivo, antes de entrar ao vivo, também ficava gravando sem eles perceberem. A gente começou a se preparar para a reportagem. [...] A edição foi muito boa, o editor de imagem caprichou demais e o roteiro foi eu que fiz. Peguei tudo e fiz isso (SOARES, 2023).

O repórter Ben-Hur Correia, que foi vítima de agressões verbais e interrupções em entradas ao vivo nos episódios dos “Guardiões do Crivella”, destaca que, a partir do momento em que percebeu o esquema articulado, passou a tentar desmascarar os agressores.

Quando a gente começou a entender o mecanismo do negócio, aí eu já “mudei a chavinha”. [...] Tanto que eu virava a câmera. Quem chegava para mim assim, eu dizia: “quer aparecer?” Se eu não estivesse ao vivo, eu dizia: “grava ele ali”. E como eles perceberam que a gente estava começando a gravar o rosto deles, aí eles saíam, eles fugiam. Então você começa a adotar estratégias para não ser tão agredido assim. (BEN-HUR, 2023).

Para Matozo, o prejuízo à imagem do Jornalismo profissional, sobretudo da TV Globo - diante dos ataques sofridos –, afetou diretamente a rotina das gravações. Ele explica que enfrenta “portas fechadas”, ações para dificultar o trabalho da imprensa.

A gente passou a fazer entradas ao vivo em cima de prédios, de dentro da emissora, então você perde até uma certa credibilidade. “Vocês estão se escondendo? Vocês estão fugindo? Vocês são a verdade, mas estão fugindo?” É uma leitura que eu acredito que as pessoas fazem, até de forma subliminar. Essa foi a parte mais gritante (MATOZO, 2023).

Arcênio recorda que no momento da agressão pela qual passou, a preocupação não foi apenas resguardar a integridade física, mas também garantir o direito de informar.

Figura 3 - Paulo Renato Soares durante reportagem sobre os “Guardiões do Crivella”



Fonte: Globoplay. Disponível: <https://globoplay.globo.com/v/8821003/>. Acesso em 12 abr. 2023.

O jornalista Paulo Renato Soares explica que esse tipo de intimidação é apenas uma das modalidades de agressão que ele presenciou ao longo dos anos, e recorda que os casos de violência e cerceamento envolvendo políticos acontecem há anos e perpassam governos de diferentes vertentes partidárias; para ele, agressão e omissão à imprensa são também atentado à democracia.

[...] você tem vários tipos de cerceamento. Você tem o cerceamento quando [o político] se nega a dar entrevista, quando ele se nega a responder uma lei de acesso à informação, que ele simplesmente se nega, e você tem o cúmulo do político colocando sigilo de 100 anos para não dar informação. E aí você tem um caso mais grave que é a violência contra o jornalista. Aí você tem esse cerceamento aliado à violência, ou o cerceamento baseado na violência, ou o cerceamento feito com violência, que a gente já experimentou isso várias vezes. [...] aqui eu posso falar de praticamente todas as nuances partidárias: eu já fui expulso, com menos ou mais violência, de várias manifestações políticas, à esquerda e à direita. Então eu fui expulso. Dependendo do

partido é com um pouco de educação “Olha, que a gente quer que você vá embora”. Dependendo do partido é na base do pontapé [...]. Mas isso fez com que a gente tivesse cuidados ao produzir a reportagem na rua, principalmente (SOARES, 2023).

Diante deste cenário, as relações interpessoais foram impactadas e as tarefas diárias passaram a ser feitas com mais cautela. Uma das principais queixas do repórter cinematográfico Matozo é sobre o desconhecimento a respeito das intenções das pessoas que passam observando a equipe de reportagem nas ruas; se é cumprimentar os jornalistas, apreciar o trabalho da imprensa ou praticar algum ato violento. O medo e o estado de alerta acompanham diariamente as rotinas pessoal e profissional de muitos jornalistas, como destacou o repórter Arcênio Corrêa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cobertura da morte de Tim Lopes em 2002 trouxe mudanças consideráveis para a produção jornalística no Brasil: veículos de comunicação passaram a se dedicar à proteção de seus profissionais. Jornalistas passaram a utilizar o equipamento que serve para contar histórias de personagens, para gravar a violência sofrida pela própria equipe de reportagem. Considerando os relatos colhidos durante as entrevistas, compreendemos que o ato de registrar os episódios agressivos é uma maneira de usar o "peso credível" do equipamento para ganhar força na batalha contra o cerceamento. De acordo com os profissionais, o ato de registrar uma violência contra a equipe é instintivo, sobretudo por parte do repórter cinematográfico, já que o papel do jornalista é documentar e reportar fatos como este. No entanto, é visível a necessidade de mais orientações por parte das empresas de comunicação para que seus profissionais possam utilizar os equipamentos da equipe ou os celulares pessoais como ferramentas de registro e documentação dessas agressões. Também na dimensão da proteção sindical e da formação em ensino superior, talvez seja importante buscar atualização frente ao cenário de tensionamento social.

Os protestos de 2013 e 2015 e as eleições de 2018, 2020 e 2022 serviram de inspiração para novas recomendações, sobretudo atreladas à violência com motivações políticas. A partir das entrevistas com profissionais, pudemos evidenciar a tensão vivenciada pelas equipes. Muitas precisaram - e ainda precisam - de seguranças. A TV Globo ofereceu aos seus profissionais um curso para estratégias em conflitos. Durante a rotina de gravação, em vez dos jornalistas pensarem somente nas narrativas a serem

construídas a respeito dos acontecimentos, passaram a levar em consideração estratégias para que eles mesmos não se tornassem personagens das histórias. E quando são atacados, precisam lembrar de registrar o episódio agressivo. Com o dilema de como trabalhar sem ser atacado, os profissionais relataram a tensão como um dos principais impactos no processo produtivo. A onda de violência trouxe medo e até problemas psicológicos aos profissionais. Ao mesmo tempo, em uma profissão que demanda um intenso contato com o público nas ruas, os jornalistas passaram a ficar desconfiados das pessoas. Posteriormente a esta análise, faz-se necessário avaliar as novas formas de violência em emergência, sobretudo aquelas ligadas à desinformação, para compreender como o Jornalismo e os jornalistas estão sendo atacados na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

DUTTON, W. Through the Network (of Networks) – the Fifth Estate. **Journal Prometheus-Critical Studies in Innovation**, V. 27, 2009.

GARRET, A. **A entrevista, seus princípios e métodos**. Rio de Janeiro: Agir, 1981.

LANDIM, G. **Ameaças para silenciar o mensageiro: ataques e agressões aos profissionais do Jornalismo como notícia no Jornal Nacional**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, p. 220. 2023.

LANDIM, G.; COUTINHO, I. Agentes, espaços e poderes em disputa: um olhar sobre estratégias de resistência do Jornalismo a tentativas do Executivo de driblar o direito à informação. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. e6652, 2023. DOI: 10.18617/liinc.v19i2.6652. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6652>. Acesso em: 27 jun. 2024.

LANDIM, G.; COUTINHO, I. O jornalista como personagem e a inversão de papéis no telejornalismo: uma análise dos ataques à imprensa veiculados no Jornal Nacional em 2020 e 2021. In: SILVA, D.; CARDOSO, F.; ITO, L. (Org.). **De olho na notícia**. 1ed. Aveiro, Portugal: Ria Editorial, 2023, v., p. 210-239.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

PEREIRA, G. **Jornalismo e informação em telas: poderes, diálogo e disputa por legitimidade**. 2023. 269 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2023.

RAMOS, S.; PAIVA, A. **Mídia e violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

SEIDMAN, I. E. **Interviewing as qualitative research:** a Guide for Researchers in Education and the Social Sciences. Columbia: Teachers College Press, 1991.

TESICH, S. A government of lies (political ethics). **The Nation**, Nova Iorque, n. 254, p. 12-13, 1992.